

OS TIRIYÓ

(NOTAS PRELIMINARES) *

PROTÁSIO FRIKEL
Museu Goeldi

Ao norte do País, a fronteira entre o Brasil e as Guianas Holandesas é formada pelas serras divisórias do Tumucumaque e Acaraí. Espalhado ao longo destas cordilheiras, tanto no lado brasileiro como no holandês, mora um povo cuja auto-denominação é Tiriyo. O seu habitat são as cabeceiras dos muitos rios que se originam nesses divisores de água. Em território nacional, eles habitam, de oeste para leste, os altos rios Panamá (Uanamú), Marapí-Cuxaré, Parú de Oeste (Cuminá) e Parú de Leste (Okômokê) com seus afluentes. No lado holandês encontram-se malocas em todos os tributários da margem direita do Chipariwini, e nos altos rios Tapanani (Tapanahoni), Parumã (Paloemeu) e afluentes esquerdos do Itani.

O nome Tiriyo é um termo genérico que abrange uma dúzia de subgrupos tendo cada um destes a sua denominação própria. Etimologicamente, Tiriyo me foi explicado como sendo derivado de "Wátüre", isto é, matar a cacete. O tacape ou cacete era — e ainda é — a arma mais importante desta tribo. Aparecem também como sinônimos as expressões Piáno e Piano-kotó, q. d., Índios Gavião Real. Ambos os nomes, Tiriyo e Piano-kotó, designam os mesmos grupos indígenas.

(*) Estas "Notas Preliminares" foram apresentadas na IV Reunião da A. B. A., 1959, em Curitiba.

Os Tiriyo subdividem-se em pelo menos 13 grupos ou sipes principais. Alguns destes grupos são arredios ainda e evitam contactos com as tribos indígenas circunvizinhas e mais ainda com os prêtos mocambeiros e crioulos de Suriname. Outros, porém, influenciados pelos seus vizinhos Wáyana e Charúma já se adaptaram ao nível cultural um pouco mais elevado destes e são, geralmente, mais pacíficos e acessíveis. Prefiro chamá-los de mais ou menos acessíveis em vez de “mansos” ou “bravos”, segundo a fala regional.

Aos grupos tiriyo acessíveis pertencem:

1. os Aramayána ou Aramogóto dos campos gerais do Parú de Oeste e do Irikí;
2. os Prôuyana e Rágú na região do Awararí, Curipini e das cabeceiras dos rios Akalapí, Kámani e Tapanani (Tapanahoni);
3. os Okômoyána, habitantes da mesma região, espalhados entre os Prôuyana;
4. os Arimihotó dos rios Chipariwini, Tapanini e Parúmã;
5. os Kirikiriyana ou Kirikirigóto, nas cabeceiras do Cuxaré e Marapí;
6. os Aramih.tchó (Aramichó) nos afluentes direitos do Okômokê ou alto Parú de Leste;
7. os Marah.tchó (Marachó, Marajó) que são os Piano kotó por excelência, no Panamá e Marapí.

Os grupos pouco ou ainda não acessíveis são constituídos pelos:

1. Akuriyó, na zona do Tapáin (Tapaje), afluente do Parúmã;
2. Wamá, no Uremari (Oelemari), afluente do Itaní;
3. Tiriýometésem, no Kuriwini que também pertence à bacia do Itaní;
4. Wayarikuré, no rio Matáwari, formador esquerdo do rio Parú de Leste.

A estes últimos grupos pouco acessíveis juntam-se ainda os Pianoí e Kukuyána. Os Pianoí, moradores dos campos entre o Parú de Oeste e o Chitaré, são propriamente Aramayána ainda meio hostis a contactos intertribais. A mesma coisa deve-se dizer dos Kukuyána, também chamados “Pianokotó do Chipa-

riwíni” devido o seu habitat e que são outro grupo mais arredio dos Marah. tchó.

Alguns destes grupos tiriyo, historicamente, são conhecidos desde o fim do século 17 e começos do 18, na época da sua maior expansão territorial, quando as suas hordas mais avançadas habitavam os afluentes dos rios Itaní e Oyapoque. Aparecem aí os nomes dos Aramichó, Aramagóto, Kirikirigóto, sem que se tenha conhecido, todavia, a conexão existente entre eles como grupos pertencentes ao mesmo povo karibe e os Tiriyo. Estes três grupos citados foram mencionados, pela última vez, como tribos vivas e ainda existentes entre os anos de 1730 e 1767 (1). Hoje são tidos como desaparecidos ou extintos. Nas minhas últimas três viagens ao Tumucumaque, porém, tive a sorte de redescobri-los como ainda existentes em território brasileiro.

Os Tiriyo são ainda pouco influenciados pela moderna civilização. Faltam quase por completo notícias a respeito de contactos durante os dois séculos passados. São assinaladas, somente, lutas dos Aramagóto e Aramichó contra caçadores de escravos e a sua resistência contra os chamados “descimentos”. É compreensível que, depois de tais experiências, os índios se retiraram e que qualquer contacto ficou interrompido. Uma ligação indireta com a civilização estabeleceu-se com o advento dos negros mocambeiros, os “bushniggers” de Suriname, escravos evadidos das usinas e feitorias holandesas e francesas. Estes negros estabeleceram-se nos altos rios Itaní, Tapananí e Parumã e começaram a manter relações comerciais com os Tiriyo daquelas zonas. Ainda hoje os “bushniggers” dos grupos Arúku e Dyúka ou Bósso mantêm um certo intercâmbio com os Tiriyo. Trocam, principalmente, facas, machados, mosquiteiros e pano encarnado contra arcos e redes indígenas ou cachorros de caça que são revendidos para o baixo Lawa e Marowíni. Este escambo começou a desenvolver-se somente na segunda metade do século passado. Até aí, todos os grupos Tiriyo viviam na

(1) Gillin, 1948. *In Handbook of South American Indian*, Vol. 3, pp. 805. Smithsonian Institution. *Bur. Am. Ethn. Bul.* 143; Julian Steward, Editor.

base de uma cultura puramente marginal (2) e lítica. Eles mesmos testemunham isto, dizendo que somente seus avós começaram a trabalhar com instrumentos de ferro.

Os contactos recentes foram poucos e bastante espaçados. Em começos deste século (1906), o então tenente neerlandês De Goeje, trouxe as primeiras notícias mais pormenorizadas sobre os Tiriyo. Vinte anos mais tarde, em 1928, o General Rondon, em viagem de inspeção das fronteiras, encontrou-se com os dois grupos Marah.tchó-Pianokotó e Rágú-Próuyana. Em 1937, a Comissão Brasileira de Limites, sob a chefia do Comandante Braz Dias de Aguiar, teve igualmente contactos com os Marah.tchó-Pianokotó do alto Panamá e outros grupos das cabeceiras dos rios Marapí, Cuxaré e Parú de Oeste. Por iniciativa particular, subiram alguns caboclos balateiros até as malocas e, quanto me consta, somente por duas ocasiões. Mas devido às dificuldades de viagem e mais ainda por causa da escassês de produtos extrativos naquela zona, a sua estada entre os índios era de pouca demora. O primeiro grupo, sob a chefia de um caboclo chamado "Glória", ainda no tempo dos trabalhos da Comissão de Limites no Erepecurú, manteve um contacto de dois meses, mais ou menos. O segundo grupo, em 1952, por menos tempo ainda: o seu convívio com os índios não excedeu de uns 10 dias. E com isso encerram-se os contactos diretos dos Tiriyo com a civilização. Devo, talvez, juntar ainda as minhas próprias viagens: em 1950 e 1952 ao Parú de Oeste, visitando os grupos Próuyana, Okô-moyána e Arimihotó; em 1953 ao alto Panamá, à procura dos Marah.tchó-Pianokotó; em 1955 ao alto Parú de Leste, com curta convivência com os Aramih.tchó e, finalmente, em 1958-1959 uma permanência mais demorada entre os Aramagóto ou Aramayána nos campos gerais do recôncavo do Tumucumaque. Principalmente esta última viagem — e convém salientar que foi feita sob os auspícios do "Museu Paraense Emílio Goeldi", Belém, — tem dado ótimos resultados e trazido novas luzes sobre vários problemas concernentes àquele rincão e suas gentes.

(2) Os conceitos "Marginal" e "Cultura da Floresta Tropical", conforme Steward, 1948:883-890; 1949:669-772. Handbook, etc.

Convém mencionar, ainda, uma espécie de contacto do último decênio, contra a qual deveria levantar-se um enérgico protesto. Trata-se de certas expedições vindas de Suriname. Dada a falta de escrupulosidade de seus chefes em relação ao estado de higiene e saúde das suas turmas, as conseqüências de tais contactos têm sido sempre nefastas. Em 1952, uma daquelas expedições deixou aos Tiriyo, além de catarro e tosse, uma furunculose epidêmica com ulcerações do tipo de antrazes. Naqueles meses morreram 25 índios em conseqüência dos contactos. Gabo-me de ter salvo o restante daquele grupo Rãgú, gastando quase um milheiro de comprimidos de sulfa que, felizmente, tinha à mão. No ano passado (1958), o caso foi semelhante. Em conseqüência de gonorréa e catarro, pereceram 17 índios, quase todos do grupo Aramayána que nesse ano visitei. Seria, pois, mais que conveniente que os governos dos respectivos territórios não só decretassem determinações explícitas quanto ao contacto dessas expedições com índios, mas também vigiassem rigorosamente a execução das mesmas. O que resulta de positivo desses encontros para o índio é tão pouco e miserável (pois não passa da aquisição de umas latas de querosene, uns espelhos ou umas facas!) que não contrabalança, de modo algum, a sua extinção precoce. Não é de admirar, pois, que os Tiriyo, hoje em dia, já olhem para encontros com comissões e expedições, ceticamente, com desconfiança e sentimentos semelhantes.

Antropológicamente, os Tiriyo não formam unidade fenotípica. Distinguem-se claramente, pelo menos, dois componentes étnicos dentro dos grupos Tiriyo.

O primeiro tipo é caracterizado por suas formas pícnicas. Os indivíduos destacam-se por sua estrutura baixa, tórax largo e forte, braços e pernas relativamente curtos, têm bastante morena e carregada para não dizer escura, cabeça grande, com rosto geralmente comprido e feições um tanto grosseiras. O segundo tipo, pelo contrário, é de estatura um pouco mais alta e talhe delgado, embora não franzino; braços e pernas mais compridos, tórax mais fino, mas não fraco, e da côr de um amarelo claro. A maioria dos indivíduos deste tipo tinha, na ocasião da minha visita, a pele muito mais clara que a minha, que estava queimada pelo sol dos campos. São, essencialmente, tipos de rostos arre-

dondados ou mais ou menos ovalados e de feições bastante simpáticas.

Comum a ambos os tipos é o cabelo prêto e liso, a escassês de pêlos corporais e os olhos de forma mongolóide. Em vários indivíduos aparece a dobra do epicanto bem pronunciada. A mancha mongólica, embora ocorra, não se pode considerar comum entre êles. A êste respeito creio ter observado um fenômeno interessante e, talvez, pouco estudado ainda, pois vi várias pessoas idosas, certamente de mais de 60 anos, com a mancha mongólica bem reconhecível. Conhecidamente, a dita mancha desaparece nos primeiros anos de vida.

Praticamente, cada grupo pertence a um ou outro dêstes tipos predominantes, o que não exclui também uma certa quantidade de indivíduos mesclados. Mas êles não são em tão grande número que não se possa reconhecer a essencial composição dos grupos. Evidentemente, o cruzamento dêstes dois tipos começou numa época relativamente recente de forma que ainda não se pode assinalar uma fusão perfeita.

A tradição tribal indica os elementos escuros, pínicos como descendentes imediatos e diretos da população primitiva do Tumucumaque, de tribos arcáicas e hoje extintas que eram os Aibüba, Tchóni e outras. Os componentes claros, porém, são designados pela mesma tradição tribal como provenientes de grupos posteriormente imigrados na dita região. Êstes tipos claros, pelos próprios índios, são chamados de "tikoróye", isto é, "brancos", fator que constitui também o fundo para a lenda a respeito dos "Índios Brancos" das Guianas. De fato, são claros e uma certa porcentagem possui cabelos levemente ondulados. Mas nada de cabelos louros e olhos azuis!

Interessante é ainda a atitude que os índios tomam diante desta duplicidade de elementos fenotípicos. Existe um certo orgulho de "raça" da parte dos elementos claros. Abertamente não se toca neste assunto. Sòmente em momentos de raiva, êles se esquecem e apontam com certo desdém os de pele escura. Mas, em geral, não o fazem, porque muitas famílias dos grupos pronunciadamente "brancos", por casamento, são aparentadas a famílias de sipes escuras (e vice-versa). Para não se incompatibilizar com os parentes, ninguém mostra abertamente esta

tendência de orgulho e menosprêzo. Conforme o que pude averiguar, geralmente, êste "problema racial" não perturba a boa harmonia dentro das famílias tiriyó.

Deformações corporais, circuncisão ou práticas semelhantes, não estão em uso. Ambos os sexos, porém, perfuram os lóbulos das orelhas, o lábio inferior e, os homens exclusivamente, o septum do nariz para a introdução de enfeites, pequenos pendentes de miçangas ou penas.

A depilação é feita e usada em larga escala. Todos possuem uma cabeleira abundante e comprida. Os Tiriyó penteiam o cabelo igualmente para todos os lados. Na frente, porém, é cortado em meia altura da testa. É típico para certos grupos um recorte, mais ou menos largo, nos cabelos testeiros, em cima da linha do nariz e que chega até as raízes capilares, no fim da testa.

Quando não contagiados por elementos de fora, os Tiriyó têm a pele limpa e o corpo asseado. A higiene corporal ajuda-os a conservar o seu estado de saúde. Duas, três ou mais vezes por dia, conforme as circunstâncias, tomam banho. Com êste asseio corporal contrasta a falta de higiene na maloca que, raras vezes, oferece um aspecto de bem arrumada. Só de vez em quando as mulheres ou meninas varrem as casas e o terreiro.

Outrossim, os Tiriyó me parecem um povo de boa índole e geralmente pacíficos. Os grupos acessíveis não são diretamente agressivos. Entre pessoas da mesma sipe, brigas e ações violentas que causam ferimentos ou morte, são raríssimas. Êles condenam o homicídio dentro dos grupos. Do tuxaua Apodji disseram-me certa vez: "Êle não é muito bom. Êle já matou!..." De vez em quando, e não tão raramente, ouvem-se discussões, mas sem conseqüências graves. Entre as várias sipes, porém, enquanto não estreitamente relacionadas por parentescos, dão-se, às vezes, certos estremecimentos que, por fim, podem resultar em ataques mútuos ou a completa extinção de grupos. Os Okô-moyana do Marawíni são um exemplo. Há uns trinta anos atrás, foram trucidados e aniquilados pelos Kukuyána ou Pianokotó do Chipariwíni, um grupo Marah.tchó ainda bastante hostil.

Um traço notório no caráter dos Tiriyó é seu espírito e tino comercial. Gostam de negociar e têm verdadeira paixão

por negócios que, às vezes, toma até formas de uma cobiça desenfreada.

A curiosidade é outro traço característico dos Tiriyo. Tudo êles querem saber, investigar. Por curiosidade também gostam de remexer a mala do “branco”. Mas não roubam, de forma alguma. Às vezes, porém, mentem. No comêço da convivência, mostram, geralmente, uma certa dose de retraimento e desconfiança, a qual, porém, já depois de poucos dias, cede lugar a um comportamento muito amigável; e muitos índios sabem fazer-se verdadeiros amigos da gente, o que não exclui, ocasionalmente e à sua maneira, ligeiras críticas, acompanhadas de uma fina ironia.

Muito ainda poderia anotar sôbre o caráter dêstes índios e sôbre a reação a pequenos testes psicológicos. Em suma, porém, poder-se-á dizer que os Tiriyo, embora tendo fama de bravios ou “selvagens”, não são essencialmente diferentes de nós. Não são melhores, mas também não são piores. São muito humanos e, por isso mesmo, muito agradáveis.

Quanto à sua cultura material e base de subsistência, os grupos tiriyo não possuem um nível de todo igual entre si. Há grupos que permanecem ainda em um estado de cultura do tipo descrito como “Marginal”. P. ex.: os Wamá e Wayarikuré. Segundo as informações obtidas, a agricultura e certas artes como a de tecer fios, cordas e redes ou a de fabricar painéis e outros objetos de barro, são-lhes desconhecidas. O material empregado seria madeira trabalhada a machado de pedra, dente de cutia, plaina de queixo do porco do mato, etc. Conchilios servem tanto para enfeites como para instrumentos cortantes e a palha de palmeiras para os cestos simples que fabricam. A sua vida se baseia na coleta de frutos silvestres e animais pequenos, especialmente moluscos, camarões, conchas e lesmas, rãs e tapurús, mas também na pesca e na caça que exercem, as mais das vezes, com arco e flecha. Caçam também com o cacête, correndo atrás do animal até êste ficar exausto, golpeando-o em seguida. Quase todos os grupos tiriyo ainda não acessíveis, participam, em maior ou menor grau, dêste tipo de cultura primitiva.

Coisa semelhante deve-se dizer dos outros grupos tiriyo acessíveis, pertencentes já ao nível da chamada “Cultura da Flo-

resta Tropical". Eles ainda conservaram parte dos elementos primitivos acima mencionados. Mas, pelo contacto com outros grupos karib vizinhos, especialmente com os Wáyana ao Leste e os Charúma ao Oeste, adveio-lhes a agricultura e uma série de elementos culturais, inexistentes entre os grupos marginais, p. ex.: o cultivo do algodão, e, dependendo daí, a arte de tecer fios com tôdas as suas aplicações na confecção de redes, tipóias, enfeites corporais, etc. Creio que esta mudança e adaptação cultural não data de muito tempo. Houve, pois, uma aculturação intertribal, aculturação de grupos karib primitivos a outros grupos da mesma família étnica, mais desenvolvidos. Esta aculturação interkarib ou a transição de grupos da Cultura Marginal à da Floresta Tropical, como também o móvel ou as raízes para o desenvolvimento da Cultura da Floresta Tropical entre os karib, em geral, seriam um interessante assunto de estudos à parte.

Abstraindo de certos elementos remanescentes primitivos, já mencionados, a cultura material dos Tiriyo acessíveis assemelha-se, em muitos pontos, à das outras tribos karib circunvizinhas. As suas malocas e casas são de formas variadas. Tipos de casas redondas, ovais e retangulares de oitão, com uma série de subtipos constituem as suas habitações. Na maior parte, as casas são abertas, sem paredes. Sòmente um tipo de casa redonda cupular é totalmente fechada, possuindo como única abertura um vão que serve de entrada. Normalmente, cada família possui a sua casa própria. Ela é, essencialmente, moradia de família e não lugar de trabalhos, a não ser de pequenos serviços. Para trabalhos maiores, incomodativos e que exigem mais espaço (p. ex.: a preparação da mandioca ou das bebidas fermentadas; a fabricação de arcos ou de redes), o tiriyo faz perto da sua moradia uma choupana própria, um tapiri de trabalho. Mesmo o fogão e a cozinha encontram-se, freqüentemente, num dêstes tapiris de trabalho. Outras choupanas de tipo semelhante servem de abrigo para os cachorros que êles criam em abundância. Mas, não menos freqüentemente, usam, para os cachorros, de jiraus embaixo da "calha", q. d., jiraus colocados entre a linha dos esteios da casa e da beira do teto de palha. Além dêstes, encontram-se em cada casa ainda uma série de outros pequenos

estrados em altura de alcance, nos cantos dos esteios da casa, ou armações maiores, em cima dos travessões da casa. Nos pequenos jiraus, as mulheres guardam restos de comida, frutas, pequenos utensílios do uso cotidiano, como fusos, algodão e objetos do serviço da oleira. Nos grandes jiraus da casa colocam-se objetos maiores: jamaxins, panelas, jamarús, etc. Há sempre um jirau especial para as armas do homem, arcos, flechas e cacêtes, usadas na caça, na pesca e, embora raramente, na defesa própria.

Devido ao fato da cultura material dos Tiriyo não se diferenciar, essencial ou básicamente, da das outras tribos karib circunvizinhas, basta mencionar, só em resumo, os elementos principais: Todos os arcos mostram corte transversal triangular. As flechas de caça possuem emplumação paralela ou radial, enquanto as usadas na pescaria não a têm. Fabricam banquinhos de madeira, talhados de uma só peça, para o uso dos homens, de três tipos diferentes, de superfície oval, retangular (ou tipo "caixa") e de meio pau roliço, mas ôco por dentro; esteiras e maços de fibras de casca desfiada como assentos para as mulheres; redes de curauá para os indivíduos de sexo masculino e redes de algodão para os de sexo feminino; coxos para ralar mandioca e outros para preparar bebidas fermentadas; uma grande variedade de peças trançadas de palha ou de tala, como jamaxins, pêras, cestas de palha e de arumã; uma série de tipos de flautas de osso, taboca e outros materiais (convém destacar aqui uma flauta transversal que se toca com o nariz); e afinal, uma grande quantidade de enfeites corporais, de penas, de miçangas e ligas para braços e pernas, de algodão, casca de madeira, etc.

Os Tiriyo, à primeira vista, podem ser considerados como uma coordenação de várias pequenas tribos ou grupos menores de linguagem comum, porém, socialmente independentes um do outro. Todavia, êstes grupos tribais, em seu conjunto, e quanto ao total do povo, não são outra coisa senão as sipes que, por sua vez, se subdividem em famílias extensas ou linhagens. Em vários grupos pode-se constatar, indubitavelmente, esta subdivisão. O grupo ou a sipe dos Prôuyana, p. ex., se compõe dos Prôuyana propriamente ditos e dos Râgú (-piki). Esta diferenciação entre

sipe e linhagem me foi explicada da seguinte maneira: todos os Râgú são também Prôuyana, mas nem todos os Prôuyana são Râgú. O conceito Râgú é, portanto, mais limitado que o de Prôuyana. Coisa semelhante vale dizer da maior parte das outras sipes que também se subdividem. Estas sipes, por sua vez, compõem-se das várias famílias extensas ou linhagens, fato que, exteriormente, se apresenta como sistema de aldeamentos familiares: as malocas. Em vista de os Tiriyo serem grupos em que o direito paterno, como estado e condição jurídica, predomina, é natural e compreensível que não somente haja um elo de união jurídico-moral que se manifesta como patrilinear na descendência, na participação da sipe e família paterna ou ainda na sucessão nos cargos dirigentes, mas que também exista uma união e adesão visível e externa ao grupo paterno que, então, se revela como patrilocalidade. Essa patrilocalidade é a forma de convivência dos Tiriyo. Às vezes, aparecem casos de uma "patrilocalidade encoberta" que, aparentemente e à primeira vista, tem ares de matrilocalidade dentro do sistema patrilinear. Digo "aparentemente", pois, no fundo sempre se trata de uma verdadeira patrilocalidade. É o caso, p. ex., quando o chefe da família morre e a viuva-mãe se torna aparente centro do grupo. Para atinar com os fatos, é mister olhar para as bases destas instituições. Pelo princípio matrilocal, o grupo, ou sejam os filhos, netos, etc., por obrigação (jurídica), moram junto com a mãe-chefe, enquanto que, na patrilocalidade, a mãe fica morando com os filhos. O senhor da aldeia, o verdadeiro dirigente do grupo é o filho sucessor no cargo do falecido chefe. A mãe, embora em lugar de destaque, ocupando posição de grande respeito, exerce influência indireta, por seu peso moral sobre o grupo, não por direito.

O que aqui expus, deixa entrever também o sistema de chefia e de sucessão nos cargos, entre os Tiriyo. A divisão do povo em sipes e em famílias extensas ou linhagens patrilocais, corresponde a divisão de cargos de governo. Chefe de uma sipe é o tamútupe. A expressão quer significar que é o "tamú", o "velho" ou "avô" da sipe. Este título de "velho", porém, hoje em dia, não tem mais nada a ver com a idade do indivíduo; é apenas um título jurídico. Conheço vários tamútupe ou "ve-

lhos” que não passam de 25 a 30 anos de idade. Nas malocas ou seja nos grupos patrilocais, o chefe é o “patá-entu” ou senhor, dono da aldeia, aquêlê que trata do bem estar econômico e social da comunidade local. Ambos os títulos (tamútupe e patá-entu) são hereditários e passam, normalmente, do pai ao filho mais velho ou, se houver impedimentos, para a linha colateral do irmão do pai ou do chefe. Enquanto, porém, o cargo dos tamútupe é um cargo independente e supremo nas sipes, o dos patá-entu, por natureza, é limitado ao seu grupo local. Daí resulta, como norma de govêrno entre os Tiriyo, que cada sipe seja governada por um só tamútupe, mas que existam vários patá-entu, conforme o número das famílias extensas, linhagens ou malocas. Vice-versa: Do fato de que cada uma das famílias extensas, das quais as sipes se compõem, possui o seu chefe local e que, por outra, a sipe tôda tem seu chefe supremo; resulta que, essencialmente, a função dos patá-entu, como representantes de seus grupos, é formar o conselho da sipe, ao qual o tamútupe, como autoridade suprema, preside. Assim, de fato, era antigamente e, essencialmente, ainda é hoje. Mas, devido às freqüentes cisões dentro das sipes e grupos locais, nota-se uma certa desagregação do sistema governamental. Muitos dos patá-entu querem passar por tamútupe. Como causa dêste fenômeno de dissolução governamental principiante, os próprios Tiriyo indicam, geralmente, a morte da geração mais velha e, dependendo daí, a falta da disciplina antiga e a falta de fidelidade à tradição dos ancestrais, falta esta causada por contactos e influências de vizinhos (Wáyana, Charúma, Dyuka). Por um lado pode-se compreender isso como sintoma de desorganização, mas por outro, também como uma espécie de emancipação da nova geração. É um certo espírito de revolta contra as leis tribais antigas que se faz notar e a tendência de chegar a novas formas. Em muitos outros pontos da vida social nota-se isso também, p. ex., na adoção do sistema de poliginia dos Charúma, etc. Este crescer de um “espírito moderno” entre os novos, porém, é olhado com desconfiança e descontentamento pelos mais velhos, ainda existentes na tribo, que formulam a sua opinião desta maneira: “É! Os nossos tamútupe velhos já morreram todos. E essa gente nova já não presta mais!...”

Outro aspecto interessante da vida social e individual dos Tiriyo é o concernente aos direitos de propriedade e de trabalho. Estes dois fatores, básicos também para a vida econômica da tribo, são, sem dúvida alguma, intimamente ligados entre si.

Bens comuns não existem. Por outro lado, o conceito de propriedade particular é desenvolvido, pois os Tiriyo são essencialmente individualistas. A propriedade individual é reconhecida e absolutamente respeitada. Ninguém tira ou toma emprestado um objeto sem licença do dono. Esta lei vale da mesma forma para os membros da família e entre os próprios esposos. Ninguém toca no que não é seu. O conceito individualista da propriedade o proíbe.

Como já ficou aludido, o direito à propriedade está ligado aos ciclos de trabalho e, em grande parte, baseia-se sobre esta divisão que normaliza a vida econômica do indivíduo e do grupo, e regulamenta a aquisição da matéria prima e a fabricação ou produção dos utensílios, conforme o sexo (do indivíduo ou do grupo). Esta exclusividade no uso da matéria prima, juntamente com o esforço individual gasto na confecção dos objetos, alicerceiam, por sua vez, o direito do indivíduo à propriedade. Existem, pois, dois grandes ciclos de trabalho, o do homem e o da mulher, que se baseiam sobre a exclusividade da aquisição e preparo de certas matérias primas. Portanto:

1. Há trabalhos que cabem, exclusivamente, ao homem. Ele é dono destes trabalhos, q. d., do processo de fabricação, dos produtos daí oriundos, como também das matérias primas necessárias. Assim: todos os trabalhos em madeira (bancos, arcos, etc.), em casca não batida (canôas, estojos para penas, etc.), em trançados de palha ou arumã (peneiras, cestas, etc.), em curauá, cipó e suas aplicações (em redes, cordas, etc.), no preparo da roça, enquanto o serviço diz respeito a madeiras (derruba, queima, coivara, até a utilização do pau de cavar, inclusive) e tudo que se liga direta ou indiretamente à religião ou ao xamanismo.

2. Há trabalhos que só cabem à mulher. Ela é dona destes trabalhos, dos processos de confecção, dos produtos daí provenientes e das matérias primas correspondentes. Assim, todos os trabalhos de olaria, de planta e de safra, da preparação (pelo

menos primária) de algodão e fios, da administração da casa (água, fogo, cozinha, filhos pequenos), são direitos exclusivos da mulher.

3. Existem também trabalhos mistos, onde os dois ciclos de trabalho se tocam e onde os parceiros gozam de direitos de compensação mútua. Exemplo clássico é a agricultura. O homem prepara a roça até o ponto de se poder plantar; a mulher planta e colhe. Mas ambos, homem e mulher, têm direitos iguais no usufruto da plantação, devido o trabalho (de preparação ou de plantação) com que cada um contribui. Direito de compensação mútua!

4. Existem ainda trabalhos que se podem chamar de produção secundária. P. ex.: A mulher planta e prepara o algodão e fabrica os fios. É a produção primária. O homem adquire (por troca ou por outros meios) estes fios e com eles também o direito para a utilização subsequente em trabalhos próprios ao homem, por ex., para a confecção de cintos, amarração de flechas, etc. Vice-versa, a mulher adquire objetos fabricados pelo homem para o uso secundário de trabalhos tipicamente femininos, p. ex., cordas de curauá para a confecção de punhos de redes. Este direito a trabalhos de produção secundária assiste a ambos os sexos e baseia-se, fundamentalmente, sobre o já mencionado direito de compensação e de troca e, em última análise, no da propriedade; pois trata-se da transferência de propriedades de um a outrem, com todos os direitos inerentes.

Estes direitos à propriedade não findam nem com a morte. Tudo que ao falecido legitimamente pertenceu em vida, é-lhe colocado na sepultura (fazem exceção às armas, para o homem, às panelas, para a mulher). O direito à propriedade continua porque, segundo a ideologia religiosa dos Tiriyo, o homem, como pessoa ou indivíduo, continua a viver no além-mundo e não morre por completo. O que morre e se desfaz é somente a matéria da sua incarnação. Nesta concepção de vida e de morte baseiam-se os costumes de colocar os haveres do falecido na sepultura, por ocasião do entêrro. O rigoroso conceito de propriedade conserva-se estritamente, de forma que o tiriyo não deixa herança. Somente a plantação do falecido pode ser desfrutada. Mas a razão para isso tem também as suas bases jurídicas. Como evi-

dencia a divisão de trabalhos, o defunto não era proprietário único da roça. A família o ajudou no preparo e possui, pelo conceito jurídico da compensação, direitos de usufruto.

Falta considerar ainda a comunidade tiriyo sob um aspecto social que podemos condensar sob o título de "matrimônio e família".

Deve-se fazer uma distinção entre o povo como tal e os seus chefes, os tamútupe e patá-entu. Entre as famílias do simples povo encontra-se, quase que exclusivamente, a monogamia como norma. Digo *quase* que exclusivamente porque nos últimos anos, por influência de contactos com outras tribos vizinhas, especialmente com os Charúma e Wáyana, onde a bigamia ou até a poliginia é comum, apareceram também casos de bigamia entre os Tiriyo. A bigamia, porém, não lhes era de todo desconhecida, mas era um direito reservado aos chefes das aldeias e das sipes. Estes podiam ter duas mulheres (mas não mais de duas!), embora não fossem obrigados a isso. No entanto, existe uma grande diferenciação entre as duas mulheres duma família, em sua apreciação social e jurídica. Uma é a espôsa; a outra é, simplesmente, "companheira" que, às mais das vezes, é requerida e escolhida pela própria mãe de família como força auxiliar nos afazeres de casa e de roça. Por isso, só os filhos da espôsa têm direitos à sucessão nos cargos da tribo, etc. E mesmo dentro da casa e nos trabalhos respectivos, quem aí manda é a mulher legítima; a "companheira" ajuda.

Entre os Tiriyo aparece também, embora não freqüentemente, a poliandria, na forma de biandria: o matrimônio de uma mulher com dois homens. Minha impressão é de que este fato não constitui norma social, embora tenha encontrado alguns casos. Parece antes tratar-se de uma saída de emergência, de um expediente motivado por qualquer necessidade. Pois, nos casos observados, aparecia sempre um fundo patológico (impotência do marido legítimo) ou um problema econômico (marido impedido de trabalhar e de cuidar da casa ou família por motivos de doença, idade, etc.). Os dois, marido e mulher, tinham-se acostumado durante longos anos de convivência um com o outro e não queriam divorciar-se. Resolveram o caso admitindo um

segundo marido que resolvesse, ao mesmo tempo, os problemas matrimoniais e econômicos da casa.

Em geral, o matrimônio tiriyo é bastante harmonioso. Acontecem, porém, casos em que o divórcio lhes é permitido. Os motivos para uma separação destas são, fundamentalmente, três:

1. Esterilidade ou impotência real ou aparente, de forma que do convívio não nasçam filhos;

2. Incompatibilidade de gênios, de forma que não possam reinar paz e harmonia na convivência dos dois; e, afinal,

3. Preguiça constante e contínua, quando um dos dois negligencia as suas obrigações com a família ou a casa, de maneira que o bem-estar ou a subsistência da família estão em perigo.

Num destes três casos, o divórcio parece-lhes justo. É de notar, porém, que os casos de divórcio se dão mais entre casais novos e nos primeiros anos de matrimônio, enquanto ainda não têm filhos. Mas já que existem filhos, quase sempre os dois parceiros procuram harmonizar a situação e ficar juntos. E é a mulher, então, que cede e se adapta mais, pois é ela quem mais perde. Os filhos, por pertencerem juridicamente ao pai e ao seu grupo, pela lei da patrilinealidade, num caso de divórcio, geralmente, são criados, ou pelo próprio pai, ou, mais vezes ainda, pelos avós paternos. A mulher divorciada perde, praticamente, os filhos, conseqüência que poucas querem enfrentar.

Os Tiriyo não têm muita restrição na procura do cônjuge. Não existe nem exogamia nem endogamia preceituadas e sim, um sistema de casamento livre. Parece que para êles, o casamento ideal seja entre primos (primos cruzados). Não há propriamente, proibições matrimoniais e, enquanto existem, são ao mesmo tempo proibições sexuais. Assim, os Tiriyo sempre têm que respeitar a ascendência e descendência direta e a colateral em primeiro grau, q. d., um homem não pode casar nem coabitar com sua mãe, filha ou irmã (3). Casamentos entre tio e sobrinha, e vice-versa, são relativamente freqüentes.

(3) Neste último caso (relações entre irmãos) parece haver exceções. Não-sei, porém, se, sob o ponto de vista tiriyo, legitimadas ou não.

Geralmente, os Tiriyo casam-se em idade ainda nova, quase sempre logo depois de se manifestarem os primeiros sinais de puberdade. A menina, antes de ser púbere, é bastante respeitada. Isto também nos casos de matrimônio pré-nubil entre crianças ainda impúberes ou entre um viuvo e uma menina impúbere. Estes casos parecem antes uma espécie de noivado ou matrimônio por promessa. Os pais entre si combinam o futuro casamento das crianças. A menina passa para a casa da futura sogra, onde aprende os serviços caseiros da mulher tiriyo. Convive com o marido-menino em tudo e as crianças tratam-se, de fato, como marido e mulher. Sòmente o intercurso sexual é-lhes vedado. O mesmo vale num caso de matrimônio prometido entre um viuvo e uma mocinha impúbere. O marido-viuvo, quanto ao convívio sexual, tem que esperar até a menina se tornar moça, mas em todos os outros assuntos, êles se tratam como esposos. Embora êstes casos, por um lado, sejam considerados casamentos legítimos, por outro, desmancham-se com facilidade, quando o acham conveniente por qualquer motivo. A situação jurídica desta forma de casamento — mesmo na opinião dos Tiriyo — parece um tanto ambígua.

Os Tiriyo possuem a crença num ser supremo, denominado Pereperewá ou também Kuyúri. Não é fácil definir, com exatidão, êste personagem. Quero crer que na figura de Kuyúri se refletem muitos traços de um antigo monoteísmo ao qual, a julgar pela mitologia, se sobrepôs um xamanismo pandinamista. Trata-se, pois, de um verdadeiro sincretismo religioso, do qual resultam os vários aspectos, às vezes quase contraditórios, de Kuyúri. Assim, Pereperewá é o “velho do céu” (Kapú-tamu) que fêz o mundo, mas é também o próprio mundo com seus múltiplos elementos, conquanto manifestação visível das fôrças a êle inerentes. Kuyúri é o criador dos homens, mas é também o primeiro homem e ancestral dos Tiriyo. Kuyúri é o herói benfeitor que, enquanto vivia neste mundo como um dos Tiriyo, inventou e lhes ensinou uma série de elementos culturais; mas é também representante e personificação de todo o povo tiriyo. Êstes aspectos múltiplos perturbam um tanto a clara visão mitoreligiosa. Mas por outra, justamente êstes vários elementos, aqui citados sòmente em sua formulação básica, oferecem a chave

para a melhor compreensão do sistema filosófico-religioso dos Tiriyo.

De um modo mais claro manifestam-se as suas idéias religiosas nas crenças numa vida de além-mundo. O tiriyo crê na existência de um elemento espiritual e imortal no homem que poderíamos chamar de "alma". Mas é mister apontar que o conceito filosófico cristão de "alma" não é idêntico ao do indígena. "Alma", para o tiriyo não é um princípio puramente espiritual e imaterial e sim uma pessoa, um espírito dotado não só das nossas próprias faculdades mentais, mas também de um corpo material, embora muito sutil ou quase espiritual (o esoterismo hodierno chamaria a isso um "corpo astral"). Este espírito-pessoa é que encarna e desencarna, mas sempre continua existindo. Quando alguém morre, este "espírito-pessoa" se separa do seu invólucro material (o corpo humano) e procura o seu lugar de origem e o de sua sipe, no além. Para facilitar esta procura e para o falecido não errar o caminho, para não vagar pelo mundo ou pela aldeia, fazendo visagem, enterram o morto com o rosto para o nascente, pois é aí, pelo "caminho do sol", que a "alma" sobe. Põem o cadáver em posição de cócoras como sinal exterior de que a pessoa não morreu por completo e sim nasceu ou renasceu para outra vida que era, propriamente, a sua vida primitiva.

Nesta crença numa vida no além torna-se patente o desejo e a aspiração a uma felicidade mais perfeita que a deste mundo. Parece a procura de um paraíso perdido! Essencialmente, a vida no além é a mesma daqui, somente em melhores condições. Vive-se na comunidade tribal ou da sipe, mas num ambiente mais alegre, mais satisfatório. Lá existem também matas e rios para a caça e pesca, lá também plantam, trabalham, comem e têm a sua família. Mas, enquanto aqui, com muito trabalho se consegue uma pequena colheita, lá é o contrário: com pouco trabalho a safra é grande. Cada banana é do tamanho de uma bráçada e cada batata da grossura de um jamarú.

O que, porém, exteriormente se destaca mais na vida do indígena, não são estas crenças menos perceptíveis e sim as práticas xamanistas dos pajés. O pajé trabalha com os espíritos que são as fôrças do mundo incarnadas em objetos animados ou

inanimados, conforme a sua espécie. Estas fôrças influem sôbre as outras coisas, também sôbre os homens e, tratando-se de influências nocivas, produzem mal-estar, doenças ou até a própria morte. É tarefa do pajé abrandar estas fôrças e destruir estas influências. Ele realiza êste serviço mediante as curas. Existe certa variedade de curas, desde as mais simples de conjuramentos ou esconjuramentos, ligadas à aplicação de plantas medicinais, massagens e picadas de formigas, até às curas mais complicadas, com invocações e presença dos espíritos citados pelos pajés. O contínuo uso do tabaco, em forma de cigarros de tauarí, de uns 30 cm. de comprimento, é julgado necessário e faz parte integrante dessas práticas xamanistas. De valor especial nestas cerimônias e curas são ainda as pedras de encanto ou "pedras de cura" (kurí), como também os caroços ou sementes que se acham dentro do maracá do pajé. Pois são a incarnaçãõ dos "pütã", dos espíritos da mata e protetores dos Tiriyo e com quem os seus pajés trabalham.

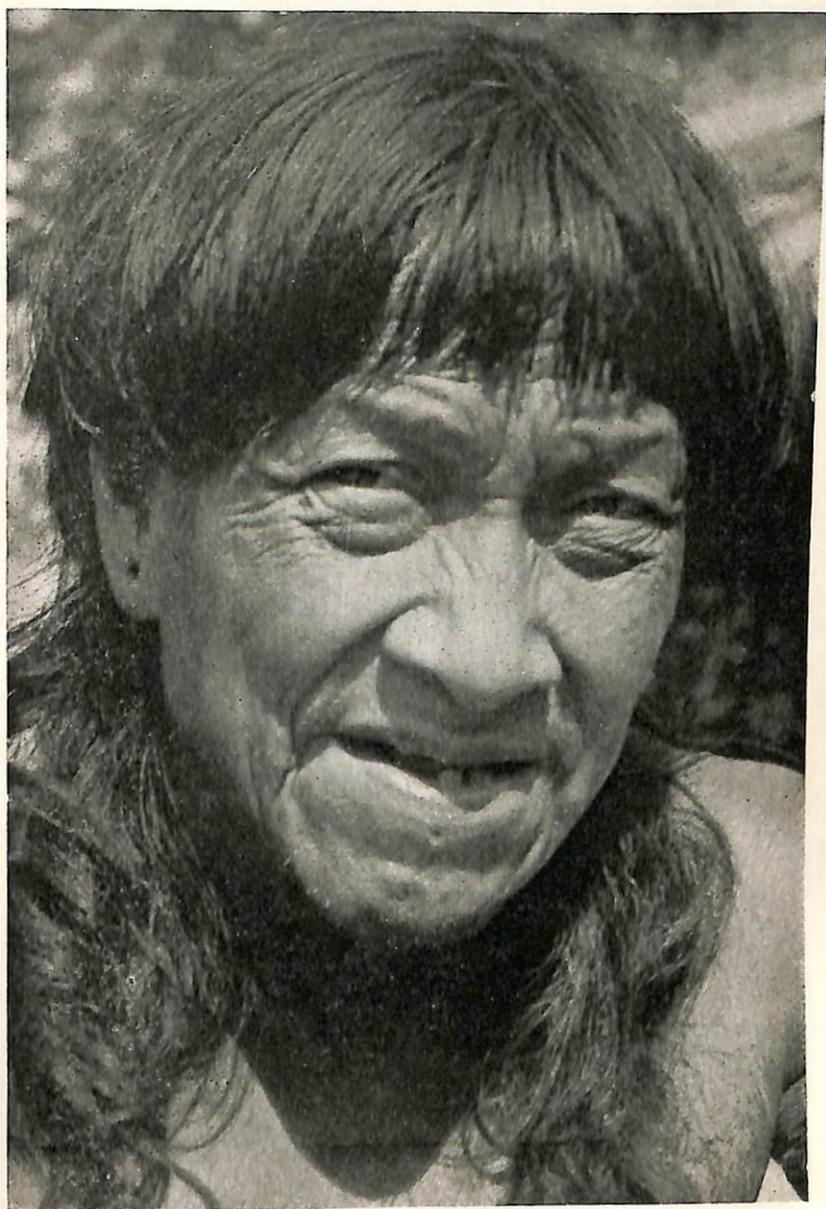
No decorrer desta exposiçãõ fizemos ressaltar, várias vezes, que, na cultura tiriyo, processaram-se e estãõ se processando ainda certas modificações. Ao encerrar estas ligeiras notas, queremos chamar ainda a atençãõ para o fato de que estas modificações advieram mais do contacto com outras tribos circunvizinhas do que pelo contacto com o civilizado. Assim, os Tiriyo podem fornecer um exemplo típico de aculturaçãõ intertribal (— tema que vale a pena ser mais elaborado —), onde a influênça da civilizaçãõ moderna se conserva ainda e quase por completo, à margem. Até quando? Um futuro talvez já próximo o mostrará. Entrará, então, a cultura tiriyo numa segunda fase de aculturaçãõ, a saber, com a do civilizado. Em vista da falta de tendências tradicionalistas e do apêgo às instituições dos ancestrais — coisa muito comum entre os karib — é previsível o resultado final. Terminará êste desenvolvimento, provavelmente, com a sobrevivênça biológica dos grupos, embora em forma mesclada, mas também com a supressãõ, mais ou menos geral, de seus elementos culturais primitivos.



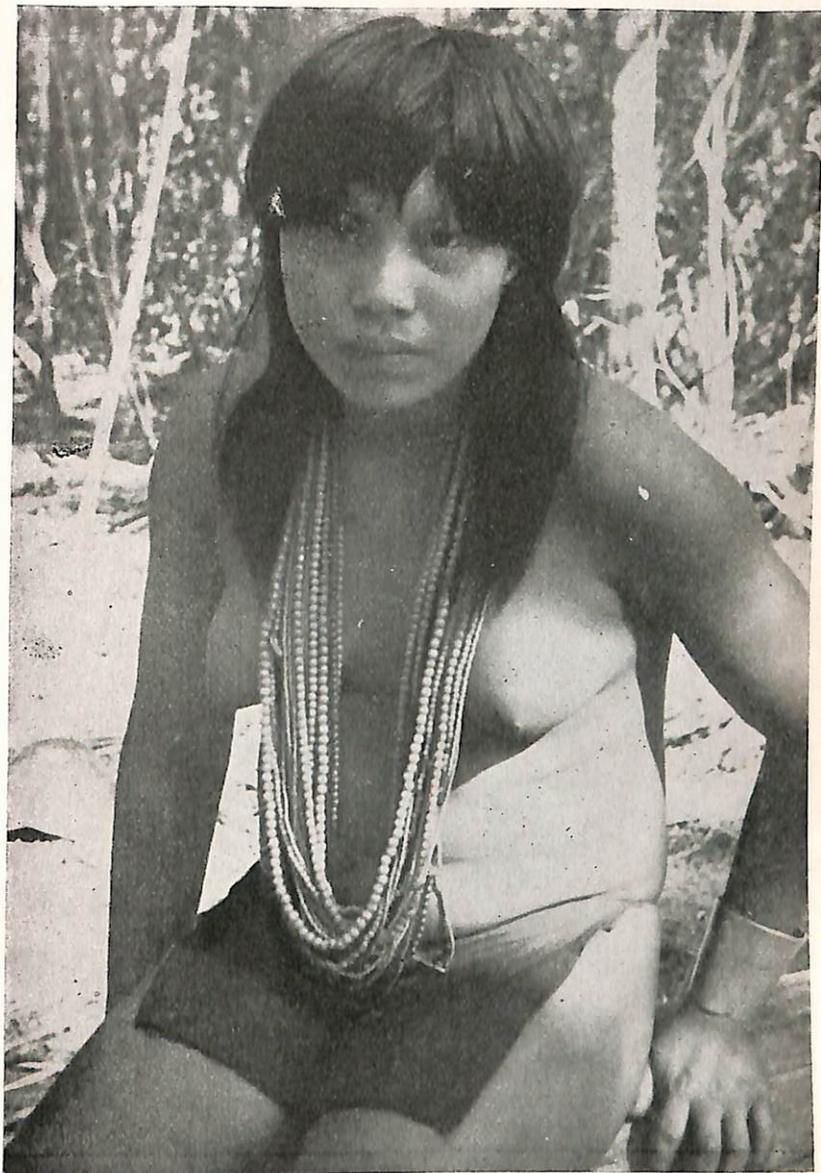
1 — Recôncavo da serra de Tumucumaque. Cabeceiras do Parú do Oeste.



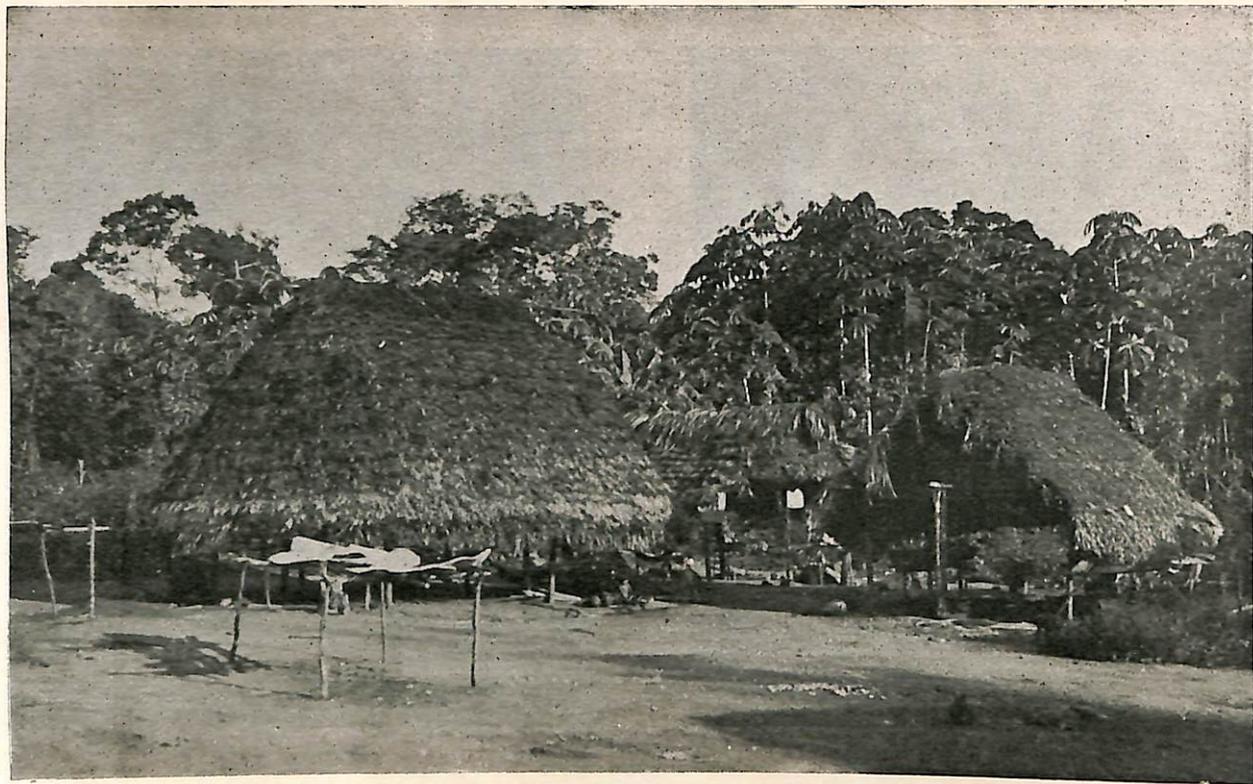
2 — Parú do Oeste. Os campos chegam até às margens do rio.



3 — Tamutupe (chefe de sipe). Índio Aramagoto.



4 — Jovem Aramagoto.



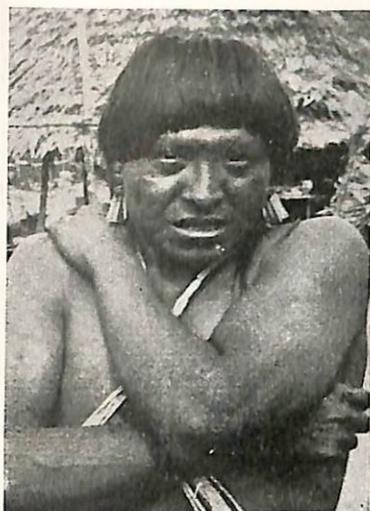
5 — Aldeia Tiriyo.



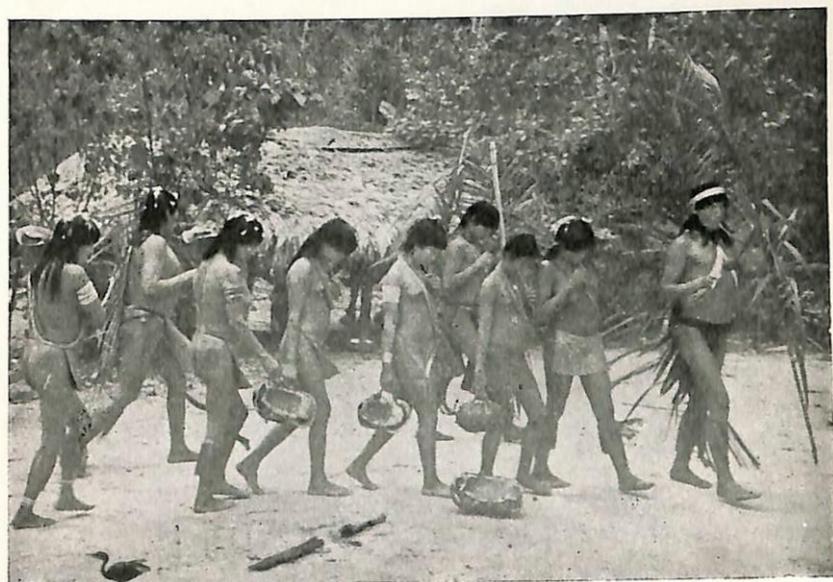
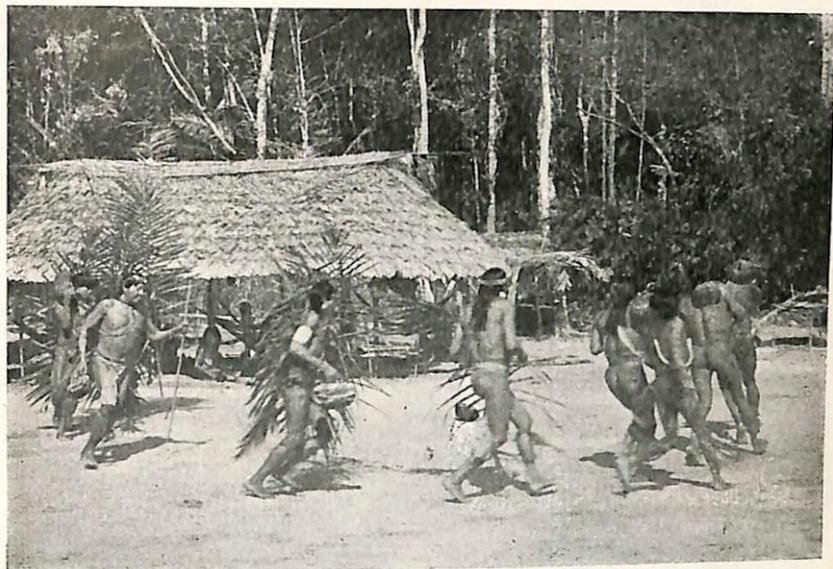
6 — Tipo "escuro".



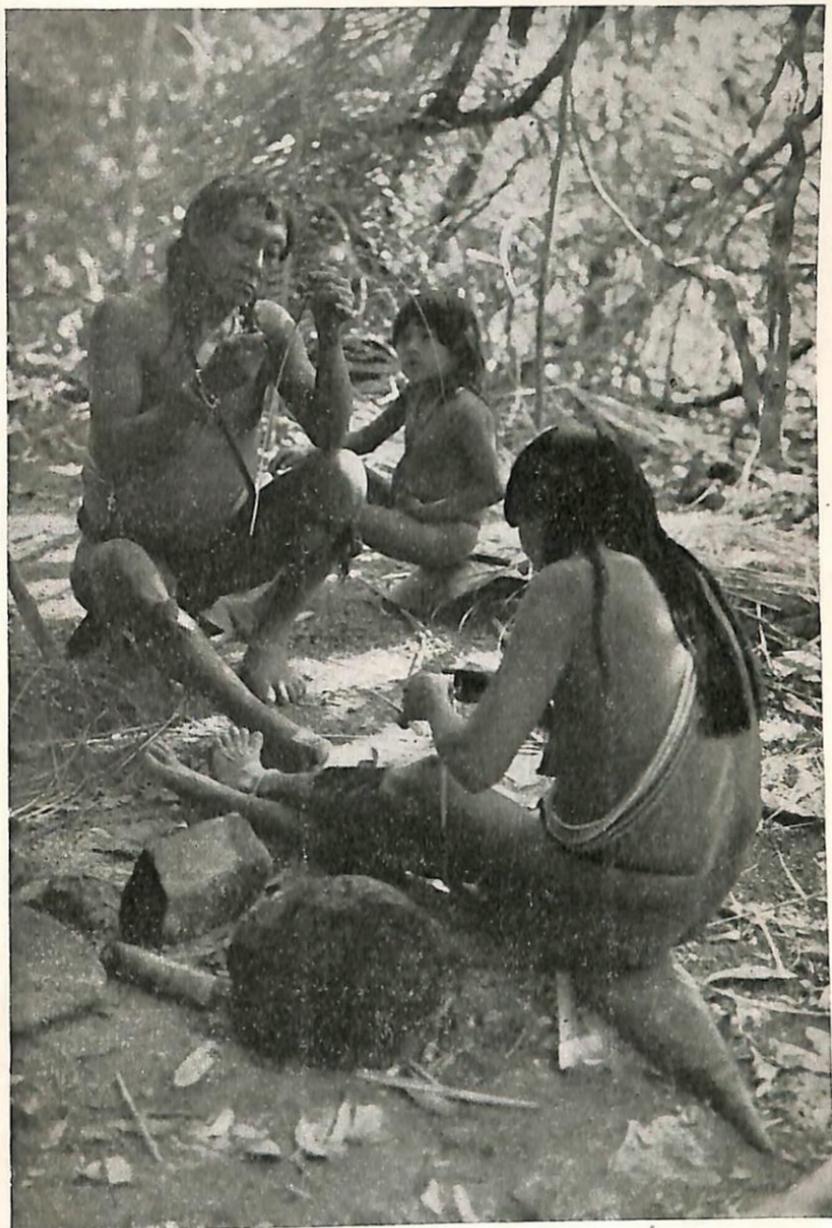
7 — Tipo "claro".



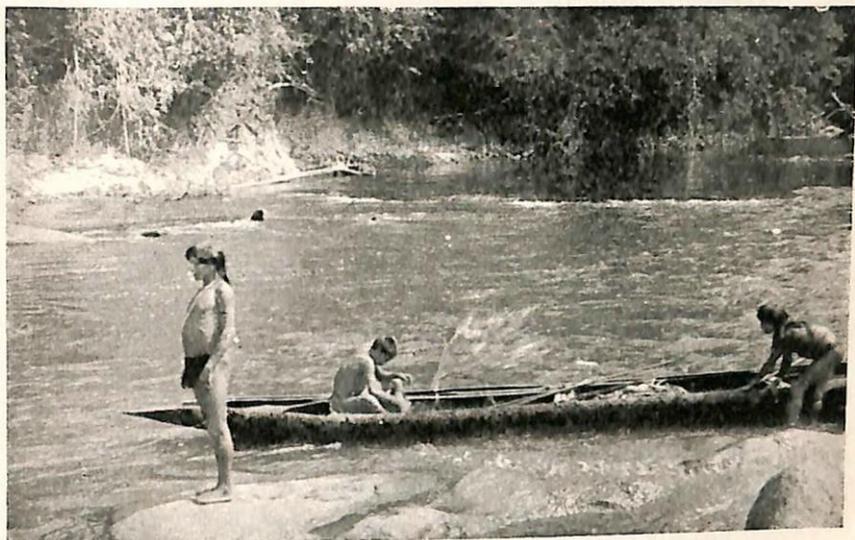
8 — Tipos Tiriyo. Note-se o corte de cabelo.



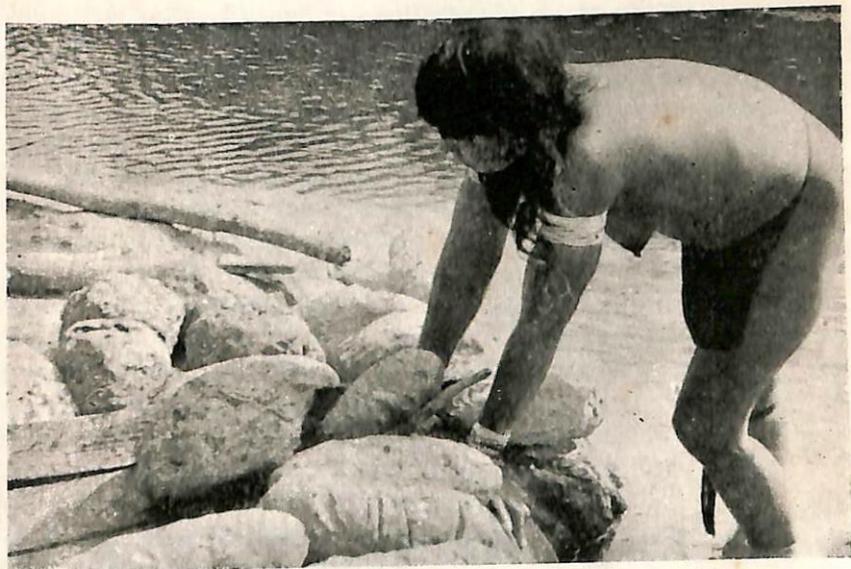
9 — Dança do Jaboti. Índios Tiriyo.



10 — Cena doméstica.



11 — Canoa de casca. Índios Marahtchó.



12 — Preparo do barro para o fábriico de cerâmica.